

O PALACETE DO ECLETISMO: IMPLANTAÇÃO*

MARIA CECÍLIA NACLÉRIO HOMEM



Neste artigo pretendemos mostrar no que consistiu e como se deu a implantação do palacete paulistano do Ecletismo, assim como as alterações que acarretou em termos da evolução urbana de São Paulo, incluindo-se o paisagismo.

Chamamos de palacete paulistano do Ecletismo a casa urbana mais rica e ampla, construída com apuro estilístico, isolada das divisas do lote e implantada em meio a jardins. Tal tipo de implantação foi a condição *sine qua non* do palacete. Ela possibilitou também uma nova distribuição interna. Muito embora não tenha vindo necessariamente acompanhada da mesma, no conjunto, ela serviu para locupletar a acepção que o termo palacete assumiu no decorrer do período republicano (1889-1930). Porém, não nos cabe aqui discorrer sobre tal distribuição, a fim de nos determos na implantação e na importância que a última teve para o novo palacete.

O palacete paulistano do Ecletismo foi um dos primeiros tipos de habitação a se desvencilhar do lote tradicional urbano estreito e alongado, utilizado, em geral para casas geminadas desde os tempos coloniais¹.

O palacete partiu de lotes de amplas dimensões, obtidos do desmembramento das chácaras situadas a oeste e ao sul da cidade de São Paulo, nas terras mais altas e saudáveis. Em geral, os demais tipos de casas estiveram sujeitos a loteamentos populares, onde ainda predominavam os lotes menores, medindo por volta de 6 e até 4,40 metros de largura por 30, 40 ou 60 metros de comprimento.

O palacete nasceu nos caminhos da antiga Estação da Luz, pertencente à primeira ferrovia, a São Paulo "Railway" instalada pelos ingleses em 1867. Surgiu nas chácaras semi-urbanizadas, isto é, naquelas que contavam com alguns serviços de infra-estrutura urbana, tais como iluminação a gás e bondes à tração animal.

Lembremos que o "*chalet*" tipo de casa campestre de origem alpina, antecedeu o palacete. Trazido pelos comerciantes, técnicos e profissionais liberais estrangeiros que chegaram a São Paulo a partir de meados do séc. XIX, foi introduzido nas chácaras, em meio à vegetação, primeiramente nos bairros da Luz e do Chá. A técnica construtiva que lhe era peculiar, exigia que ele se desvinculasse

das divisas do lote. A esse respeito, escreveu Nestor Goulart Reis Filho: *"Isoladas, em geral, no centro dos terrenos, essas casas tinham seus telhados, de duas águas, dispostos no sentido oposto ao da tradição luso-brasileira: as empenas voltadas para os lados menores - a frente e os fundos e as águas para os lados maiores, isto é, as laterais. Essa disposição já pressupunha um afastamento do prédio em relação aos limites, pois os beirais, traço importante desse "estilo" avançavam sobre as paredes cerca de 50 centímetros, impedindo, assim, o contato entre as paredes exteriores de vizinhos, como ocorria nas residências coloniais. As águas, com grande inclinação como nos telhados dos países onde neva eram rígidas e retilíneas, sem a suave curvatura dos telhados tradicionais"*². Sua construção era proibida dentro do perímetro urbano, onde só se permitiam casas no alinhamento da rua.

Em Arquitetura, a ampla utilização de novos materiais e de novas técnicas construtivas como a alvenaria de tijolos, o ferro, o cimento, os tubos galvanizados e as calhas de folha de Flandres, as chapas de zinco e de cobre, arames e pregos galvanizados, telhas francesas, ardósia, Pinho de Riga, mármore, grades de ferro, guarda-corpos, janelas completas, mosaicos, etc., fabricados na Europa e trazidos pela ferrovia, possibilitaram outros tipos de telhados e de partidos, assim como de espaços adequados às novas funções da casa e da cidade comercial que começava a se industrializar³. Desse modo, colocou-se em desuso a taipa, técnica construtiva costumeira do Planalto Paulista, substituída, principalmente, pela alvenaria de tijolos.

O encontro das novas técnicas construtivas e de materiais até então pouco utilizados em nosso meio, com os chamados estilos arquitetônicos historicistas, tais como o Neoclássico, o Neogótico e o Neo-românico, e com os nacionais, os regionais e os pitorescos, possibilitou a eclosão plena do Ecletismo entre nós, a partir do último quartel do séc. XIX. Esse movimento, ocorrido na arquitetura européia no decorrer desse século, estendeu-se até a I Grande Guerra e correspondeu à auto-afirmação da burguesia. Importado diretamente da Europa, em São Paulo, acrescentaram-se àqueles estilos o *Art Nouveau* e até o Neocolonial, no começo deste século.

Ao permitir a construção de chalés e os recuos fronteiros e laterais às casas a serem construídas *"... fora do perímetro da cidade, mais gradís de ferro ou balaustrada com fechos obrigatórios, assentados sobre um embasamento de alvenaria..."*, podemos dizer que o Código de Posturas de 1886 marcou a oficialização do Ecletismo em São Paulo.

O palacete paulistano surgiu na passagem do Império para a República, num momento em que São Paulo a capital do café centro comercial e financeiro, se transformava em importante mercado de mão-de-obra, graças à instituição do

trabalho livre e assalariado e da imigração subvencionada. Grandes levas de imigrantes europeus, sobretudo de italianos, começaram a afluir para a cafeicultura, à capital e outras cidades do estado. A população de São Paulo aumentara quase cinco vezes mais. Passara de 47.697 habitantes, em 1886, para 64.934 habitantes, em 1890, e para 239.820 habitantes, no limiar de novo século⁴

A classe dominante econômica e politicamente — os empresários do café — responsável pelas principais atividades do complexo cafeeiro e compondo as oligarquias, possuía vínculos comerciais com a Europa, mas também culturais, sobretudo com a França. Paris, a metrópole por excelência do séc. XIX, era a Meca para todos os povos, tendo sido, por conseguinte, alvo dos paulistas enriquecidos. Era a capital da moda, do luxo, do consumo, dos museus, dos teatros, dos esportes e dos demais tipos de lazer de massa. Nela também aconteciam as grandes exposições internacionais. O francês era a principal língua da ciência e da literatura, sendo falada nas cortes que ainda persistiam na Europa como o fora, havia pouco tempo atrás, na do Império do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Nesse momento, o Urbanismo francês e as reformas de Paris, empreendidas sob a responsabilidade do Barão de Haussmann, Prefeito do Sena (1853-1870), gozavam do maior prestígio internacional. Os denominados *boulevards* inspiraram os loteamentos paulistanos destinados às camadas mais abastadas. As avenidas Paulista (1892), Higienópolis, Angélica, e as ruas Maranhão e São Luís (1898) contaram, em geral, com algumas de suas características: amplos traçados (com mais de 30 metros de largura), lotes grandes tipo chácaras, passeios largos e arborizados, pista para cavaleiros, água, luz, esgotos e bondes à tração animal. A maioria situava-se em locais aprazíveis, perto de abundante vegetação, de onde, por se tratar de terras mais altas, se podia desfrutar de belos panoramas.

Com o tempo, tornaram-se áreas exclusivas de palacetes, graças a uma legislação específica. Em 1894, Joaquim Eugênio de Lima, um dos promotores da abertura da avenida Paulista conseguiu efetivar junto à Prefeitura uma lei que obrigava as futuras construções a respeitarem um recuo de 10 metros com relação ao alinhamento das calçadas, bem como de 2 metros lateralmente. Quatro anos depois, surgiram os recuos obrigatórios para jardins e arvoredo e um espaço de pelo menos 2 metros de cada lado para as residências a serem edificadas nas avenidas Higienópolis e Itatiaia (atual avenida Angélica)⁵. Os bairros dos Campos Elíseos, da Consolação, da Liberdade e de Santa Cecília permaneceram como áreas mistas.

A tônica predominante do urbanismo paulistano desse período consistiu na higiene pública, no sentido do "emprego dos meios tendentes a impedir a importação das moléstias epidêmicas e a disseminação das já existentes"⁶. As aglomerações humanas no centro e os cortiços de Santa Efigênia, do Brás, da Bela

Vista, do Bom Retiro e até de Santa Cecília, focos de tais moléstias deviam ser evitados a qualquer custo.

Modificou-se a noção de morar da classe dominante. A casa individualizou-se, passando a expressar o êxito econômico e profissional do proprietário, bem como o seu grau de cosmopolitismo. Ela tornou-se o refúgio das lutas pela vida e local de privacidade, ao mesmo tempo que devia proporcionar afastamento físico daquelas áreas e certa alienação quanto às tensões e aos conflitos sociais. As camadas mais ricas procuraram viver isoladamente.

Por outro lado, a descoberta de que o ar, o sol e a luz são tão importantes para a vida como o pão e a água, levou à valorização dos jardins que se transformaram em fontes inesgotáveis desses elementos. Ao mesmo tempo que, colocados em situação fronteira, serviram de anteparo aos odores e ruídos provenientes da rua, além de oferecerem perspectiva ao jogo dos telhados. A casa moderna era aquela que contasse com maior número de janelas e maior intimidade⁷ Por isso mesmo, ela abandonou o alinhamento da rua, afastando-se das divisas do lote.

A implantação das *villas*, tipo de residência semi-rural, situadas nos arredores de Paris e das grandes cidades francesas e mesmo da Europa, foi a que inspirou a do nosso palacete. Construídas nas avenidas abertas por Haussmann e servidas pelas ferrovias, elas deviam aliar os prazeres do campo ao conforto urbano⁸.

Implantadas ora no centro dos terrenos, ora nas laterais, procuravam deixar o maior espaço possível aos jardins, desaparecendo, por vezes, em meio à farta vegetação. No conjunto, essa impunha-se com relação à construção principal, possuindo traçado próprio, desvinculado e independente da mesma. Os jardins sofreram influências do mundo inteiro, preferencialmente da França, da Inglaterra e do Oriente⁹ Além, de se organizarem esteticamente, procuravam ceder espaço a cada um dos seus elementos, distribuídos ao longo do traçado: casa do porteiro, parque, culturas de flores, de árvores frutíferas e de hortaliças, cavalariças, cocheira, quiosque, grutas, veios d'água, pontes, estufa, viveiros, galinheiro, pombal, etc..

Em São Paulo, as *villas* foram as que mais disseram respeito à tradição paulistana de auto-abastecimento, recém-saída da escravidão. Acrescentaram-se um portão nos fundos ou entrada de serviço e outras edículas destinadas aos quartos dos empregados mais ligados aos serviços de jardinagem, de limpeza e da cozinha, além de hortas ou "*rocinhas*" para certas culturas como a do milho, do chuchu, do marmelo, da cidra, da abóbora, etc. e de plantas medicinais. Se, por um lado, se introduziram novas espécies como o carvalho, o olmo, o eucalipto e outras, às quais se reservou lugar de destaque na parte fronteira, ainda se en-

contravam, nos fundos, as velhas jabuticabeiras, goiabeiras, jaqueiras, jambiéiros, grumixameiras, abieiros, laranjeiras, limoeiros, etc..

A esses acrescentaram-se os caquizeiros e novos tipos de parreiras, entre as quais a chamada uva Niagara, também conhecida como uva Marengo, nome do jardineiro italiano que a aclimatou no palacete de Dona Veridiana da Silva Prado e em chácaras da periferia.

Com o Eclétismo, houve uma racionalização do espaço existente ao redor da casa, no sentido de se definir uma posição para cada um dos complementos da construção principal. Os parques e os jardins, também utilizados para o lazer familiar, ficavam sempre em posição fronteira ou lateral, relegando-se aos fundos, atrás da casa, os elementos que diziam respeito aos serviços. Numa palavra, camuflou-se o trabalho manual, apartando-o da zona destinada ao uso social.

Os jardins do *art nouveau* transformaram-se em moldura do palacete, compondo ambos um conjunto harmonioso. Figuras sinuosas inspiradas no reino vegetal e mineral, tais como: gotas, folhas e flores envolviam a construção principal que passou a ser o centro da composição.

O palacete do Eclétismo constituiu uma exceção com referência às demais casas que lhe eram contemporâneas. Apesar da existência das zonas exclusivas supracitadas, é possível dizer que, conforme pesquisa realizada na FAUUSP, não chegou a representar 5% do total das casas paulistanas construídas no período 1893-1906¹⁰

Contudo, as áreas exclusivas de palacetes, complementadas pela arborização das avenidas e demais vias que as recortavam, constituíram importante mancha verde, apenas interrompida pela gama vermelha dos telhados, dos belvederes e de torres esporádicas, a ponto de se tornarem a principal característica dos bairros das elites paulistanas. Essa notável massa homogênea assinalou a paisagem da cidade, tendo sido "independente do eclétismo de suas edificações" a ponto de podermos defini-los como "verdadeiros marcos referenciais urbanos" conforme observou o arquiteto Silvio Soares Macedo ao se referir ao bairro de Higienópolis¹¹

Incluídos nos roteiros turísticos da cidade, tais marcos atraíam a população de outros bairros que neles vinham passear nos fins de semana. Da mesma forma, chamaram a atenção dos viajantes que estiveram na capital paulista nesse período, os quais não deixaram de mencioná-los em seus apontamentos de viagem¹².

Até 1914, a moda dos recuos fronteiros e laterais estendeu-se a outras avenidas, tais como a Água Branca e a Tamanduateí, assim como à casa média e às construções suburbanas, procurando chegar às vilas operárias situadas fora do perí-

metro urbano¹³. Durante a I Grande Guerra, com a ampliação das linhas de bondes, o palacete chegou aos bairros mais distantes, tais como Vila Mariana, Ipiranga e Água Branca.

Finalmente, diremos que, em 1934, aqueles recuos foram confirmados pela legislação municipal e aplicáveis a toda a cidade, constituindo o centro velho uma exceção¹⁴.

Mas esse tipo de implantação concorreu com outro, inspirado nas cidades-jardins criadas por urbanistas ingleses o qual foi proposto pela Cia. City, recém instalada em São Paulo com o objetivo de promover a especulação imobiliária. Com o tempo, a Cia. City realizou uma série de loteamentos que deram origem aos bairros do jardim América, Pacaembu, Alto da Lapa, Alto de Pinheiros e Emboaçava, entre outros, inspirando, por sua vez, diversos loteamentos desse período, como o Sumaré e os dos bairros que trazem o termo jardim em sua designação: jardim Europa, jardim Paulista, jardim Paulistano, etc., compondo todos eles, um novo conjunto paisagístico na cidade. Mas este é um outro tema que merece um novo artigo.

NOTAS

(1) Segundo Nestor Goulart Reis Filho, esse tipo de lote era uma tradição do medievo-renascimento português, sendo mantido pelas leis do Reino. In: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 4a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 15-32. Para Carlos A. C. Lemos, as limitações da taipa, técnica construtiva costumeira do Planalto, que não permitia grandes arroubos, devem ser consideradas para a melhor compreensão da casa urbana: " *A casa antiga ... estava ainda vinculada ao partido colonial: geminada de ambos os lados ou raramente provida de passagem lateral para carros, coberta sempre por telhados de duas águas, sendo a cumeeira necessariamente paralela ao alinhamento e isso devido à possibilidade de os panos de telhas das casas contíguas terem continuidade fácil, o que evitava interseções vulneráveis às águas pluviais, providência típica de sistemas construtivos destituídos de recursos apropriados aos desvios da chuva...* " In: LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. Breve História da Arquitetura Residencial de Tijolos em São Paulo, a partir do ciclo econômico liderado pela café. 2a. ed. São Paulo, Nobel, 1989. p. 95-96.

(2) REIS FILHO. op. cit. p. 158.

(3) LEMOS. op. cit. p. 36.

(4) ARAÚJO FILHO, J.R. A População Paulistana no Século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A Cidade de São Paulo*. Estudos de Geografia Urbana. São Paulo, Nacional, 1958. v. 2.

(5) Respectivamente leis n. 111, de 21 de setembro de 1894 e n. 355, de 3 de junho de 1898.

(6) Lei estadual n. 240, de 4 de setembro de 1893.

(7) Escreveu Julie Guadet (1834-1908) que, graças aos trabalhos do arquiteto francês Jacques-François Blondel (1705-1740), a casa moderna teria nascido no séc. XVIII, quando "os palacetes (hôtels) perdem a influência italiana para se tornarem mais cômodos, com janelas maiores, a permitirem mais intimidade". In: GUADET, Julien. *Eléments et théorie de l'architecture*. Cours professé à l'Ecole Nationale et Spéciale des Beaux-Arts. 5 ed. (a l. ed. data de 1901-1904). p. 39. Paris, Librairie de la Construction Moderne.

(8) DALY, César Denis. *L'architecture privée au XIX e siècle; nouvelles maisons de Paris et des environs*. Introduction. Paris: Ducher, 1867-1870. 6 v.

(9) A respeito dos jardins do Ecletismo consultamos: *TRAITÉ de la composition et de l'ornement des jardins*. 6 ed. Paris: Audot, 1859.

(10) A autora está coordenando uma pesquisa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sobre os usos da habitação na cidade de São Paulo na I República, sob a direção do professor Carlos A. C. Lemos, em colaboração com o Conselho Nacional de Pesquisa Científica - CNPq. Como parte dos trabalhos, o arquiteto Carlos Lemos fez levantar 3.000 plantas datadas de 1893-1906. Desse total, sortearam-se 300 plantas que foram copiadas e comparadas entre si. Apenas 13 apresentaram todas as características do palacete.

(11) Vide estudo paisagístico realizado por Silvio Soares Macedo sobre o bairro de Higienópolis: MACEDO, Silvio Soares. *Higienópolis e Arredores*. Processo de Mutação de Paisagem Urbana. São Paulo: Eternit/EDUSP/Pini, 1987. Especialmente p. 55-59.

(12) BRUNO, Ernani Silva. *Memória da Cidade de São Paulo*. Depoimentos de Moradores e Visitantes/1553-1958. São Paulo: Prefeitura do Município/DPH, 1981 (Série Registros 4).

(13) Leis n. 1.788, de 28 de maio de 1914 e n. 498 de 14 de dezembro de 1900.

(14) Ato n. 663 de 10 de agosto de 1934 e lei n. 3.571 de 7 de abril de 1937. *Apud*: MACEDO, op. cit. p. 51.

(*) Este artigo foi extraído de: HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano*. O Processo Civilizador e a Morada da Elite do Café (1867 - 1914-18).

BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES SEM ESPECIFICAÇÃO DE AUTOR:

CÓDIGOS de Posturas do Município de São Paulo, referentes a 1873 a 1884.

LEIS e Atos do Município de São Paulo de 1903 a 1914. São Paulo: Tipografia e Papelaria Vanhorden (Casa Vanhorden).

LEIS, Resoluções e Atos da Câmara Municipal de São Paulo, a partir de 29 de setembro de 1892 a 1918. São Paulo: Casa Vanhorden.

TRAITÉ de la composition et de l'ornement des jardins. Paris, Audot, 1859.

PUBLICAÇÕES COM INDICAÇÃO DO AUTOR:

AZEVEDO, Aroldo de (org.) *A Cidade de São Paulo*. Estudos de Geografia Urbana. São Paulo: Nacional, 1958, v.2.

FABRIS, Annateresa (org.). *O Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis. Grandeza e Decadência de um Bairro Paulistano*. São Paulo: Prefeitura Municipal/DPH, 1979. (Col. História dos Bairros de São Paulo).

_____. *O palacete paulistano. O processo civilizador e a morada da elite do café (1867 - 1914-18)*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado) - FAUUSP.

_____. O Higienismo e outros "ismos" no morar republicano. In: *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. 3. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1993.

LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa. Breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. 2a. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

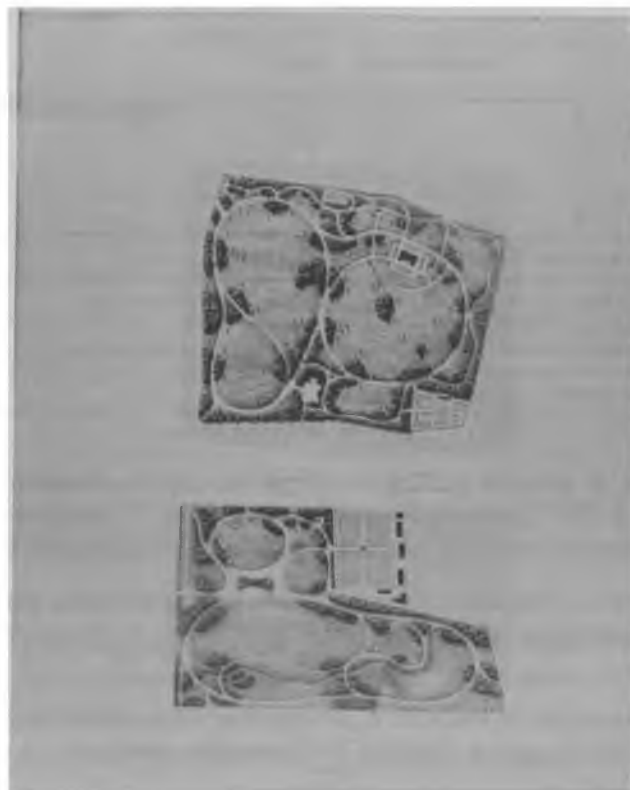
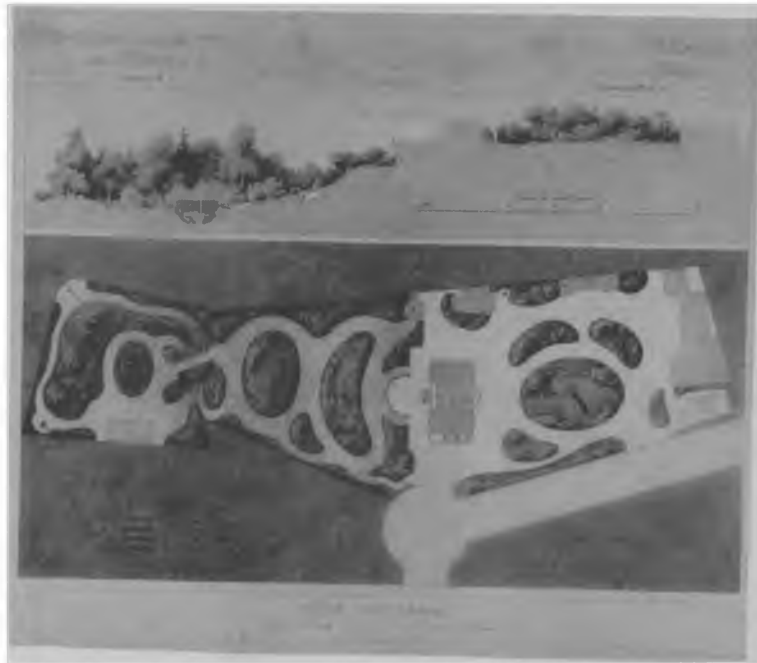
MACEDO, Silvio Soares. *Higienópolis e Arredores*. Processo de mutação da paisagem urbana. São Paulo: Eternit/EDUSP/Pini, 1987.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. 4a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

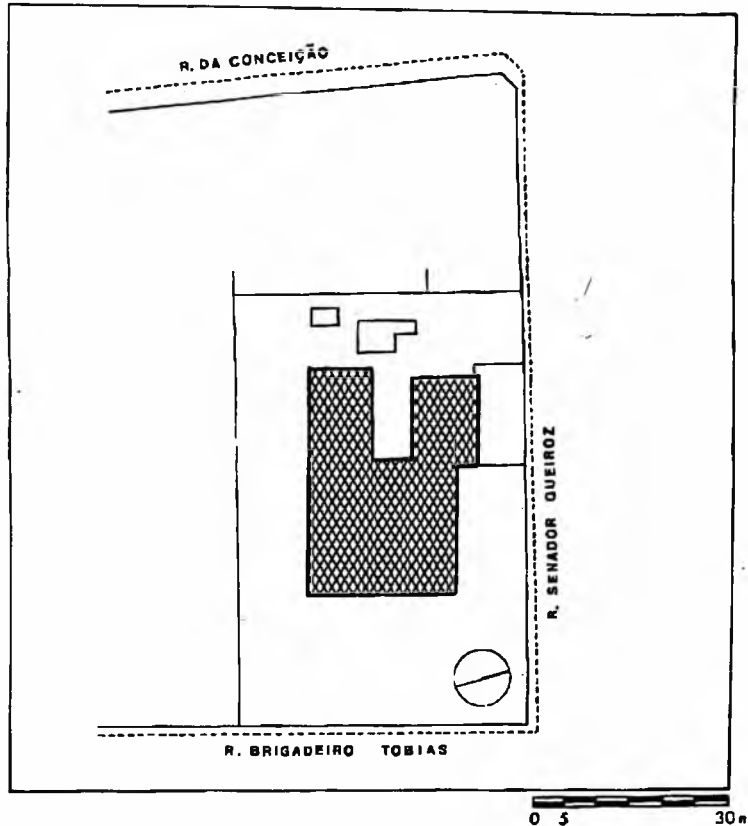
TOLEDO, Benedito Lima de. *Álbum iconográfico da avenida Paulista*. São Paulo: EX-Libris/João Fortes Engenharia, 1987.

CRÉDITOS DA ICONOGRAFIA:

Regina Mitie Suzaki e Ilza Fujimura copiaram as plantas ora apresentadas, sob a supervisão do Prof. Dr. Carlos A. C. Lemos, como parte de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa Científica - CNPq, tendo a FAUUSP como contrapartida. Apresentadas em: HOMEM, M. C. N. *O Palacete Paulistano*, 1992.



Fotos: 1, 2 e 3 - Exemplos de implantação das *villas* suburbanas publicadas nos álbuns de César Daly. Se, na primeira, a construção principal aparece centralizada no lote e os jardins cedem espaço à mesma, nas demais estes se impõem sobre os elementos construídos, apenas assinalados em meio à vegetação. Os quadriculados correspondem às culturas de hortaliças.



proprietário: BARÃO DE PIRACICABA II
endereço: R. Brig. Tobias / R. Senador Queiroz <small>APUD SARA-BRASIL, 1930</small>
projeto: proprietário (mestre-de-obra e escravos)
ano: 1877

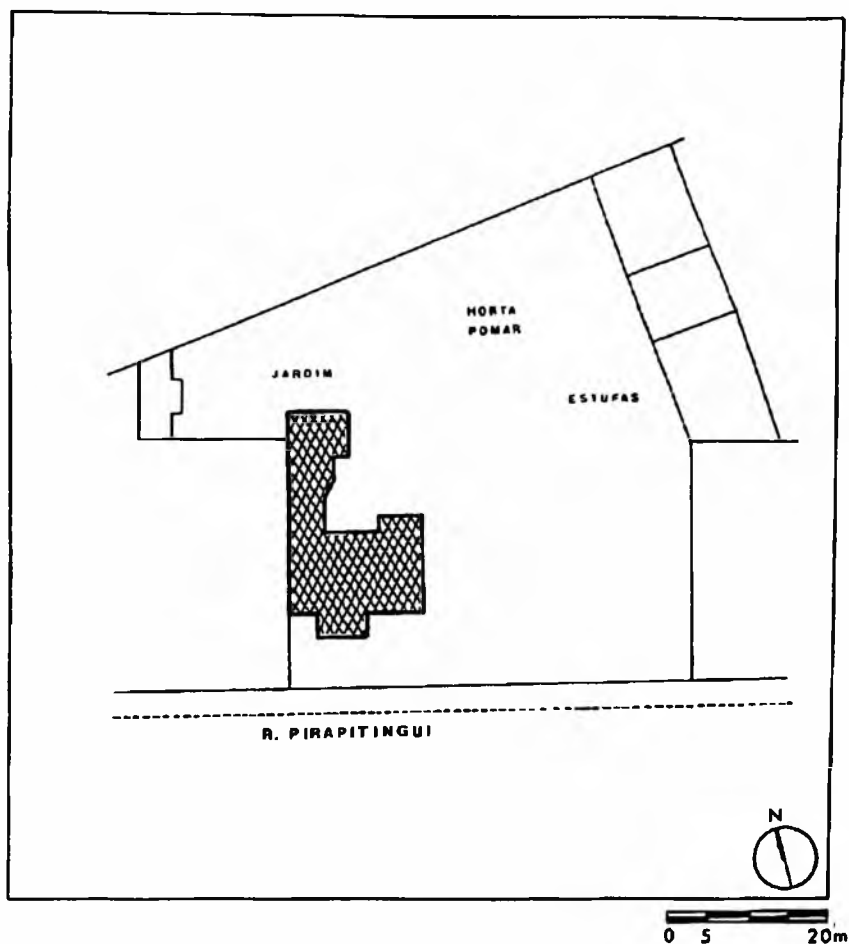
Figura 4 Estamos diante do primeiro palacete de que se tem notícia recuado do alinhamento, com jardins fronteiros. Datado de 1877, pertenceu ao Barão de Piracicaba II, rico fazendeiro de café, a quem se deve a planta e a supervisão da construção que esteve a cargo de um mestre-de-obras e de escravos.

Situava-se na rua Alegre (atual Brigadeiro Tobias), um dos antigos caminhos para a Estação da Luz, tendo sido edificado em terreno que fizera parte da velha Chácara do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, tio do proprietário.

Inicialmente, apresentou o partido em forma de L, à semelhança dos sobradões do século passado, ao qual se acrescentou a ala direita após a Abolição da Escravidão, destinada a acomodar os criados e contando com mais um w.c..

Cercado de gradís de ferro forjado, nos jardins sobressaíam um pinheiro e uma gruta, além de dois portões para facilitar a entrada e a saída das vitórias e dos tálburis. Nos fundos, ficavam as senzalas, as cocheiras, o pomar, a horta, um canil, o lenheiro, o quarto de fomas e a portaria. A entrada de serviços fazia-se pela rua Senador Queiroz.

Fonte: Planta da cidade de São Paulo Sara-Brasil, 1930.

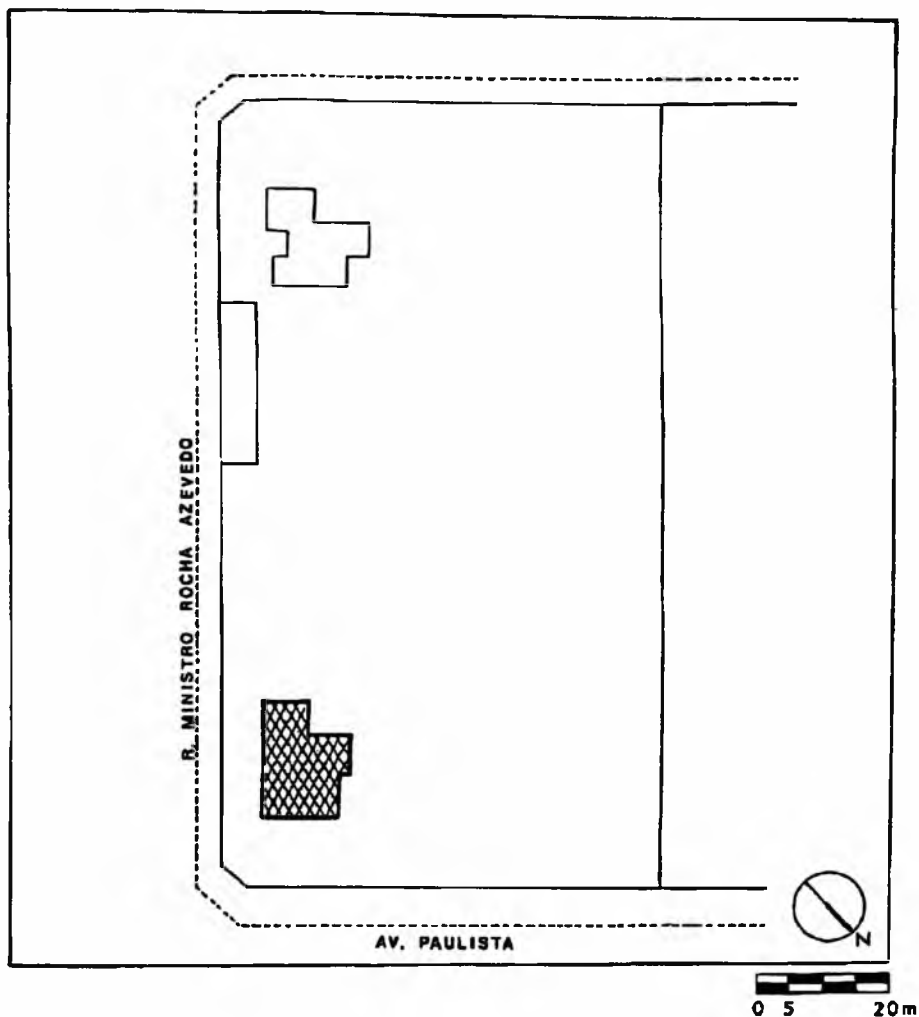


proprietário: RAMOS DE AZEVEDO
endereço: R. Pirapitingui, 115 APUD SARA-BRASIL, 1930
projeto: Ramos de Azevedo
ano: 1891 (construção) - 1904 (reforma)

Figura 5 Implantação da casa do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o principal introdutor do palacete tipo *villa* em São Paulo. Datado de 1891, trata-se de um dos primeiros que o profissional construiu na cidade.

Situado na rua Pirapitingui n. 111, no bairro da Liberdade, a construção principal, embora recuada das divisas do lote, fica junto à vizinha, procurando ceder o maior espaço possível aos jardins, a exemplo da implantação das *villas* apresentadas nas publicações dirigidas por César Daly. Nos fundos, atrás da casa, ficam os tanques e o w.c., além da horta, estufas, cocheiras e um poço dos tempos em que o bairro ainda não era servido por rede de água.

Fonte: Sara-Brasil, 1930, CONDEPHAAT e Arquivo do Escritório Técnico *Ramos de Azevedo*, na Biblioteca da FAUUSP.



proprietário: RENÉ THIOLLIER (VILA FORTUNATA)
endereço: Av. Paulista, 56 APUD SARA-BRASIL, 1930
projeto: Augusto Fried
ano: 1903

Figura 6 - Implantação da vila Fortunata, projetada e construída em 1903, pelo arquiteto alemão August Fried para a família do escritor René Thiollier.

Situada na avenida Paulista, antigo n. 56, a exemplo do palacete de Ramos de Azevedo, esta casa aproximava-se da divisa lateral para ceder o maior espaço possível ao parque, constituído de espécies remanescentes da mata original que existia na região, denominada Caaguaçu. As demais construções eram casa do jardineiro, depósito de carros e cocheira.

Fonte: Sara-Brasil, 1930.

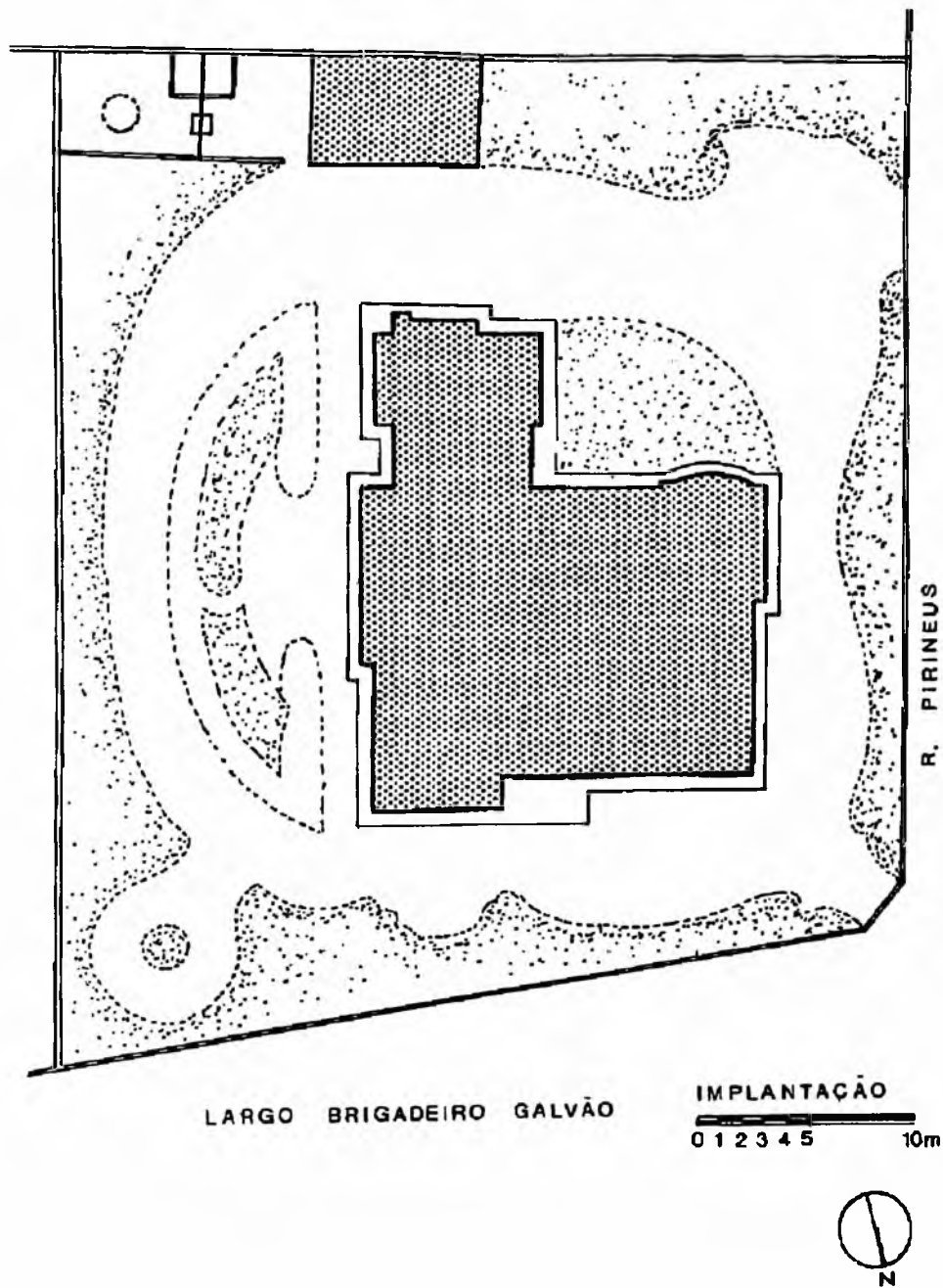


Figura 7 Implantação do palacete que pertenceu ao fazendeiro de café Antônio Lacerda Franco. Situado na esquina da rua dos Pirineus com o largo Brigadeiro Galvão, data de 1906, conforme planta e construção de autoria do arquiteto franco-brasileiro Victor Dubugras, um dos profissionais mais expressivos que construíram em *Art Nouveau* em São Paulo, no começo do século.

Os jardins desenvolvem desenhos irregulares em linhas sinuosas que emolduram a casa principal, numa composição única que difere dos exemplares supra.

Fonte: Arquivo *Victor Dubugras*, na Biblioteca da FAUUSP.



Figura 8 - Outro exemplo de implantação de palacete que recebeu influência do *Art Nouveau*. Trata-se da vila Margherita, pertencente à D. Margherita Marchesini. Situava-se na rua D. Veridiana, em Santa Cecília, e data de 1909, tendo sido edificada conforme projeto e construção de Ramos de Azevedo.

Nesta, os jardins também emolduram a construção principal, desenhados em linhas sinuosas, algumas das quais se destacam do conjunto em forma de gotas.

Fonte: Escritório Técnico *Ramos de Azevedo*, na Biblioteca da FAUUSP. Extraída de: LEMOS, C. A. C. *Alvenaria Burguesa*, 1989.